

FRADIQUE MENDES E O IDEÁRIO DA “GERAÇÃO DE 70”¹

Maria Natália Ferreira Gomes Thimóteo
Departamento de Letras
UNICENTRO, Guarapuava, Paraná

Resumo. O presente trabalho faz algumas considerações sobre a “concepção” de *Fradique Mendes*, heterônimo coletivo de Antero de Quental, Jaime Batalha Reis e Eça de Queirós, que representa o seu ideário e condensa o espírito da “Geração de 70”, responsável pela mudança intelectual e literária de Portugal do século XIX.

Palavras-chave: Fradique Mendes, heterônimo coletivo, ideário, “Geração 70”

Abstract. The present work makes some considerations about the “conception” of *Fradique Mendes*, Antero de Quental, Jaime Batalha Reis and Eça de Queirós’s collective pseudonym, which embodies their ideas and summarizes the spirit of the “Generation of the 70’s”, responsible for the intellectual and literary changes in the XIX-century Portugal.

Key-words: Fradique Mendes, collective pseudonym, ideas, “generation of the 70’s”

A “Geração de 70” representa para Portugal, seja como e qual tenha sido a sua capacidade crítica e inventiva, uma profunda revolução cultural. Os moços que agitaram Coimbra, “adoráveis rapazes pela ingenuidade das suas santas manias”, segundo Camilo Castelo Branco (CARREIRO, 1948, p. 257), passaram por uma escola de inconformismo, vivenciando experiências ou “revoluções”, na opinião de Eça: a deposição do reitor Basílio, pela “Sociedade do Raio”, a famosa “Rolinada” o êxodo para o Porto, a ruidosa *Questão Coimbrã*, em 1865-6 e em 1871, as *Conferências do Casino Lisbonense*.

¹ Texto apresentado em forma de intervenção na mesa-redonda *Eça e Fradique – um ideário especular*, no IV Encontro Internacional de Estudos Queirosianos, na Universidade de Coimbra, em 7.12.2000.

Os integrantes dessa “geração” tinham o ideal comum de tirar o seu país do obscurantismo, do atraso intelectual e das amarras da religião. A reconstrução de Portugal deveria ser apoiada na Justiça e na Verdade, projeto difundido veementemente por Antero de Quental. Aqui se encaixa a sua originalidade - mesmo com as suas preocupações visionárias no nível social e suas preocupações metafísicas, bem como a de Eça de Queirós - com suas sucessivas experiências estéticas, às vezes contraditórias, que vão do realismo e naturalismo de

Flaubert e de Zola ao decadentismo e simbolismo baudelairianos. Nesse momento, ambos estão preocupados em provocar uma revolução cultural no sentido de, primeiramente, repensar e pôr em questão toda a cultura portuguesa desde as suas origens até o período das descobertas e, em segundo lugar, preparar uma transformação na ideologia política e na estrutura social portuguesa.

A revolução cultural provocada, foi feita com múltiplas contribuições. Faziam parte do grupo, além de Antero e de Eça, Teófilo Braga, Jaime Batalha Reis, Gomes Leal, Guerra Junqueiro e outros ilustres nomes que participaram das Conferências Democráticas do Casino Lisbonense, um dos fatos mais marcantes da renovação que se instaurava na vida cultural portuguesa, nomes que assumirão diferentes papéis, formando uma elite de iniciadores de reformas, liderados por Antero. Este foi o guia espiritual, o mentor do grupo, com um carisma que encantou a todos os que o ouviam. Atestam esse fato os depoimentos de seus companheiros no *In Memoriam*, entre os quais destacamos o famoso artigo de Eça *Um Gênio que era um Santo*, onde o consagra “*O Príncipe da Mocidade*”, de quem diz ser admirador e discípulo.

Os acontecimentos europeus e as leituras estrangeiras, chegadas “pelos caminhos de ferro, descendo da França e da Alemanha, torrentes de coisas novas, idéias, sistemas, Michelet, Hegel e Vico e Proudhom e Hugo, e Balzac e Goethe... Todas essas maravilhas caíam à maneira de achas numa fogueira, fazendo uma vasta crepitação e uma vasta fumarada!” (QUEIRÓS, 1993, p.485). Tudo isso e mais o conhecimento de uma literatura relativa às origens históricas, psicológicas e sociais do cristianismo - Strauss, Fauerbach e Renan - vêm dar argumentos para que se desencadeasse a grande revolução em todos os níveis: cultural, social, político, filosófico, moral, religioso e literário. Durante mais de 25 anos, a “Geração de 70” irá escrever sobre a liberdade de expressão de pensamento que registra a história do país. Foi por ela delineada uma nova fisionomia no panorama intelectual português.

Os poetas e escritores da geração nova agora serão proclamadores de uma atitude filosófica e científica, atitude que a geração anterior não tomara. O que interessa agora aos moços de Coimbra são os grandes problemas vitais que afligem e agitam a humanidade.

O realismo surge como a arte nova, contrapondo-se à anterior, com um ideário fruto também do *Cenáculo*. Com a chegada de Antero de Quental de sua viagem a Paris e à América do Norte, o grupo toma-o como mentor, havendo uma revivescência do grupo boêmio. Desde os tempos de Coimbra, Eça considerava Antero, “*além de melhor*

idéia da Academia, o seu melhor verbo". Com sua liderança, essas reuniões transformaram-se em estudo persistente. Dali nasceriam, além de Fradique Mendes - o "ser ideal e enciclopédico" - as *Conferências do Casino*. Eça embrenhou-se nas teorias socialistas de Proudhon quase que "obrigado" por Antero, ao mesmo tempo em que iam se juntando ao grupo Jaime Batalha Reis, Ramalho Ortigão e Guerra Junqueiro. Dessas discussões, os primeiros frutos que vingaram foram algumas das *Prosas Bárbaras*, de Eça e os *Poemas de Macadam*, de Carlos Fradique Mendes, poeta satânico inventado por Antero, Eça de Queirós e Jaime Batalha Reis, em 1869, quando, em 29 de agosto, no jornal *A Revolução de Setembro*, tivera publicados quatro poemas e, em dezembro desse ano, mais quatro textos da coletânea *Poemas de Macadam*. Este poeta tinha como principal intuito zombar da sociedade burguesa, assombrando-a. A partir da criação deste poeta "satânico", dessa "brincadeira", Portugal ganhará o mais inédito prosador da época realista. Como diz Jaime Batalha Reis, em *Anos de Lisboa*:

O nosso plano era considerável e terrível: tratava-se de criar uma filosofia cujos ideais fossem diametralmente opostos aos ideais geralmente aceites (...) Dessa filosofia saía naturalmente uma poesia, toda uma literatura especial que o Antero de Quental, o Eça de Queirós e eu, nos propúnhamos construir a frio, aplicando os processos revelados pelas análises da Crítica moderna, desmontando e armando a emoção e o sentimento, como se fossem máquinas materiais conhecidas e reproduzíveis" (QUENTAL, 1993, p. 461).

O escritor Eça de Queirós é um produto, primeiramente, da grande mudança sofrida e exercida pela "Geração de 70", cujos valores e objetivos fundamentais foram esboçados por Antero. Apesar de Eça seguir caminhos diferentes dos seus companheiros, sempre manteve com eles o mesmo magma cultural. Porém, a sua experiência realmente "nova" dividiu-a com companheiro Antero e com Batalha Reis. Eça tinha imensa facilidade em se expressar em verso na época, porém, único poeta verdadeiro entre eles era Antero. Criado coletivamente, Fradique Mendes será o primeiro poeta satânico da língua portuguesa. Poeta inédito e epistológrafo postumamente revelado, "encontra-se no limiar de um processo cultural que desemboca exatamente na plena e genial consumação da heteronímia pessoana" (REIS, 1984, p. 56).

Fradique Mendes adquire personalidade própria e como muitos outros personagens queirosianos, como Acácio, Pacheco, Juliana, vive também fora de sua obra. Eça vive com os seus personagens a sua própria imortalidade. A sua obra é ele próprio e toda a sua formação, que se iniciou na "*fantástica e quase encantada Coimbra*", fazendo parte da "Geração de 70".

O primeiro Fradique Mendes é um poeta de influências baudelairianas, que apresenta já alguma autonomia, e, sendo fruto de um recorte romântico, não investe nas mesmas linhas de força do seu criador. Fradique Mendes defende nos *Poemas de Macadam* que "a poesia não pode ser o grito da agonia: é a voz mais pura e mais íntima

do coração: é mesmo nas vascas da morte, é sobretudo nas horas de provação, um hino, carmen!” (SERRÃO, 1985, p.56).

Podemos facilmente constatar que Antero se distancia do plano estético-ideológico do poeta de sua criação, mas que lhe reconhece o direito a uma vida e poética próprias. Este poeta surgiu de uma brincadeira - assim como Alberto Caeiro surgiu em Fernando Pessoa para servir de partida a Sá-Carneiro - dos *Poetas Satânicos do Norte* e do seu cultor, um português de costela hebraica, residente em Paris, chamado Carlos Fradique Mendes. Em 1869, no jornal *A Revolução de Setembro*, publicava um folhetim com algumas poesias de Fradique. Para apresentar esse poeta desconhecido, Eça de Queirós, um dos participantes na sua criação, bem como Batalha Reis, assim o retrata:

Habitando Paris durante muitos anos, conheceu o Sr. Fradique Mendes pessoalmente a Carlos Baudelaire, Lecomte de Lisle, Bainville e a outros poetas da nova geração francesa. O seu espírito, em parte cultivado por esta escola, é entre nós o representante dos satanistas do norte (SERRÃO, 1985, p. 201).

Fradique Mendes mostra ser um poeta que vem transgredir e subverter o cenário cultural lisboeta, sobretudo. Seu pendor para a mistificação é exatamente o recorte de acentuada tonalidade romântica, herdada do seu criador, responsável direto pela poesia fradiquista, Antero de Quental. Este heterônimo terá participação especial no romance de Eça, *O mistério da estrada de Sintra* e também vai transformá-lo em grande epistológrafo, na *Correspondência de Fradique Mendes*. Antes, porém, deixa a sua ‘marca’ em vários poemas satânicos como “*Serenata de Satã às estrelas*”, de comprovada influência de Leconte de Lisle.

Antero, responsável maior pela sua produção poética, assim considera Fradique:

O Sr. Mendes pertence a uma grande escola, que por toda a Europa veio substituir em parte, e em parte opor-se à escola romântica.(...) Essa escola tem uma estética sua, uma poética, tudo enfim quanto caracteriza um verdadeiro ‘movimento’ no mundo do espírito, e conta à sua frente chefes do maior talento, dos mais variados recursos. Baudelaire é hoje um nome europeu: crítico e poeta, legislou e pôs em obras as doutrinas da nova plêiade. O ‘satanismo’ é hoje um fato literário europeu, um grande movimento (SERRÃO, 1985, p. 265-266).

Para Antero, o “satanismo” equivalia ao “realismo” no mundo da poesia. É a consciência moderna, onde o mais importante para o poeta é a própria baixeza do homem, extraído da sua observação uma psicologia sinistra, contraditória, fria, desesperada. O poeta será então o cantor das ruínas da consciência moderna. Mas Antero interroga-se: será essa a verdadeira missão da Poesia? Segundo ele, não. A sua lei suprema é consolar, moralizar, elevar, apontar o belo espiritual, a esperança e a crença.

O processo heteronímico é quase involuntário em Antero. Desde as suas outras experiências semelhantes, como o “Bacharel José”, sua função é o do ‘apresentador’. Com Fradique, apresenta-o como um poeta satânico, que possui características próprias, muito diversas das suas. Por outro lado, procura distanciar-se da “criatura”, defendendo outro ideário oposto. No contexto português, o satanismo era um fenômeno novo e parecia ser uma tentativa de libertação do “duplo despotismo civil e religioso”. Porém, essa prática de comentar sobre a produção poética de seus “pseudônimos” e deles discordar, aconteceu com o “Bacharel José”, quando este escreve a “*Carta de Henri Heine a Gérard de Nerval*”, onde Antero é Henri Heine e seu amigo Germano Meireles é Gérard De Nerval. Supostamente ressuscitados e transfigurados em terras portuguesas, cada um passa ser o invólucro dessas personalidades. Nessas cartas, de estilo retórico, escandalizam e tratam de maneira humorística idéias panteístas e a doutrina da metempsicose, para satirizar, à Heine, a inércia e a passividade da época.

Essas cartas tratavam dos mais variados assuntos, fundindo o mesquinho, o sublime, o grandioso e o trivial. O projeto não foi avante por problemas editoriais, mas a semente foi lançada. Em 1871, com a colaboração de Ramalho Ortigão, vem à luz *As Farpas*, que reiniciam uma campanha tenaz contra as fraquezas e vícios da sociedade portuguesa. Sementes lançadas por Antero e o seu gosto pela mistificação.

Fradique Mendes, na sua “segunda fase”, o epistólogo delineado por Eça de Queirós, é o retrato do homem ideal do século XIX. Leitor de Sófocles, discute com graça e erudição filosofias e religiões, artes e sistemas. Usa flor na lapela e fuma cigarros exóticos. É decantado pelas mulheres e demonstra horror aos políticos. “*Cético de finas letras, que cuidava dos males humanos envolto em cabaias de seda*”. Eça assim o define a Navarro de Andrade: “*Fradique não existe. É uma criatura feita de pedacitos dos meus amigos. A sua robustez física, por exemplo, tirei-a de Ramalho*”. Bem nascido de uma família rica dos Açores, de belos pais, aristocrata, apresenta características muito próximas da perfectibilidade. Antonio Cabral analisa a sua gênese:

Nele foi consubstanciada a nobreza, a distinção e a elegância do Conde de Rezende, o harmonioso e o elevado da poesia filosófica de Antero, a profundidade do saber de Oliveira Martins, a fortaleza de caráter e o aprumo de Ramalho, a sutileza e a ironia de Eça (JORGE, [s.d.], p. 202).

Nesse conjunto de modelos que compõem Fradique, não escapou Antero de Quental. A hipótese que o romancista compôs em boa parte o retrato do seu personagem com alguns traços do seu companheiro Antero, não é de todo descabida. Vejamos as “coincidências”: Nascido nos Açores, de família aristocrata, foi para Coimbra aos 16 anos, estatura elevada, a força física, a beleza, as mãos finas, o amor das viagens, a discreta destreza, a audácia, o amor das idéias e conversas puramente especulativas são caracteres nitidamente sugeridos pela figura de Antero. Assim, Eça concebeu Fradique

como sendo a “*suprema liberdade junto à suprema audácia*”, como a máxima expressão do homem civilizado. “*Um homem todo paixão, de ação e de tenaz labor*”.

Eça de Queirós irá modelar não só Fradique Mendes, mas também o Jacinto, de *A Cidade e as Serras*, com os ingredientes filosóficos e metafísicos de seu amigo. Há um sem número de afinidades entre esses personagens, que coincidem com o retrato de Antero tão bem delineado no testemunho *Um gênio que era um santo*. Ambos partilham semelhanças físicas, socio-econômicas, de questionamentos existenciais, de leituras e de aceitação do pessimismo após uma fase idealista. Os adjetivos “gênio” e “santo” são abundantes em *A cidade e as Serras* e a relação entre o seu artigo em homenagem ao amigo morto e o personagem são indesmentíveis (LIMA, 1994, p.351-364). Ambos são considerados “Messias”, líderes. Jacinto, o “*Príncipe da Grã-Ventura*”, Fradique, o homem de “*esplêndida solidez, de sã e viril proporção de membros rijos*”, “*de face com feitio aquilino e grave*”, “*cesareano*”, “*um varão magnífico*”, com “*viço*” - parece-se com o quadro pintado no “*Gênio...*”. Antero, cuja beleza e força física foi tão descrita, é o chefe, o “Príncipe” de uma mocidade, que veio ao *Cenáculo* como um “Rei Arthur”. Ambos são chamados de “santos”, comparados a “Aquilés”. Suas leituras - de Antero e de Jacinto são Virgílio e Cervantes. Ambos são comparados a D. Quixote. Portanto, o perfil de Jacinto apresenta muitos traços de Fradique, e ambos os traços de Antero.

Eça divide com Antero e com Batalha Reis, a criação desse ‘heterônimo’, na sua primeira concepção. Ambos o criaram poeta satânico, com características e influências de poetas que os dois admiravam. Porém, o poeta e o líder da ‘companhia’ era Antero. Definitivamente, a principal característica e papel de Fradique era inovar, libertar e se desvencilhar do passado opressor, portanto, de desfraldar o ideário da “Geração de 70”, que teve papel fundamental na obra de Eça. Nesse ambiente o escritor adquire as bases humanistas e progressivas de sua cultura, através do tom polêmico e mordaz de sua personalidade. Os seis anos de Coimbra marcaram-no definitivamente. A efervescência revolucionária desse grupo amadureceu o seu espírito de jovem escritor, que irá tomar corpo mais tarde, na sua obra. Ali se formou o crítico social, o reformista, o demolidor implacável do pobre mundo político do liberalismo português. Foi com os companheiros de Coimbra que quebrou a velha moldura em que se imobilizara Portugal. Introduziram a nova estética realista/naturalista no Romantismo já desgastado; abriram as fronteiras do país às novas idéias filosóficas e sociais. Através dos deterministas franceses, resumidos em Taine, Antero atingiu o helegianismo e também o pensamento de Kant, Schopenhauer e Hartmann.

É também o ideário da “Geração de 70”, uma análise da sociedade portuguesa que está presente na obra de Eça de Queirós, sociedade decadente e devassa, carunchada, sem gritos românticos, sem passionismos e também impregnada de preconceitos passionais. Essa geração anunciava já a decadência das classes dirigentes, nas suas tradições decrépitas. Representou uma reação contra a decadência em nome da

Revolução e uma busca do sentido da evolução da Realidade, que nunca foi encontrado porque o idealismo utópico e mítico ficou sempre entre os seus membros.

Coimbra e a “Geração de 70” foram o germen da revolta cultural, de onde devia sair a obra de Eça e a de muitos outros escritores. Quem teve que lutar contra uma universidade “negra e dura como uma muralha”, uma “madrasta amarga” como os jovens de Coimbra, naturalmente manter-se-iam em permanente rebelião de alma. E com permanente e fina ironia olharia o nosso Eça de Queirós para a sociedade que o cercava. Antero, certa vez, o aconselhou: “...o riso é um dissolvente; amolece, relaxa e acaba por tornar imbecis os que o empregam contra a imbecilidade alheia... arma perigosa de dois gumes... arma má...”. Até que a maturidade, a paz interior da vida doméstica tornaram mais amáveis as imagens patrióticas de Eça, na sua última fase literária, o Eça de *A cidade e as serras* e de *A ilustre casa de Ramires*.

Fradique Mendes encarna a polifônica “Geração de 70”, também no sentimento de exílio, no diletantismo que a caracterizava, no afã do contato com outras culturas. Pode ser considerado “o símbolo dum século fantasma / tão sábio que é ateu...”. Esse verso de Fradique/Antero, do poema *A Carlos Baudelaire*, pode ser o mesmo retrato dessa geração, pintado com as cores mais fortes do Antero-ele-mesmo em *O Convertido*: “Entre os filhos dum século maldito/ Tomei também lugar na impia mesa”. Fradique herda esse sentimento de exílio voluntário, que permeia a sua *Correspondência*, e também toda a obra de seus criadores. O “ennui” será o sentimento, o elo de ligação entre eles. Está presente na prosa e na poesia anteriana, bem como nos romances de Eça. O egocentrismo de Fradique é o mesmo do Jacinto da “cidade”, o seu ataque ao que de “mau há na sociedade”, bem como a sua irreverência. Os personagens da *Correspondência*, “formidáveis empecilhos sociais”, como Pacheco, Pinho e Pe. Salgueiro, são uma arma, mas também há a opção pelo “manto diáfano da fantasia”, “a grossa risada” e o “solução lírico”, sendo os denominadores comuns de toda uma época, que se serviu “do ferro em brasa, do chicote, postos a serviço da Revolução”, ao tédio que os ligará e definirá.

Fradique Mendes foi criado como uma consolação e esperança, que representa a ânsia do seu autor por um rejuvenescimento intelectual. Viajante, observador, devassador de mistérios, Fradique procurava “o fundo real das coisas”. Eça, através de Fradique, mostrava-se avesso aos preconceitos da tradição e às conclusões baseadas em “*impressões fluidas*”. É o personagem que condensa o estado de espírito dessa geração de líderes, principalmente a fase dos *Vencidos da Vida*. O distanciamento perante a realidade histórica e cultural, constatação que se pode fazer à “Geração de 70”, pode ser comparado ao da “Geração de Orpheu”, no que se refere ao sentimento de exílio, voluntário, provocado pelo “ennui”, ligado a uma reflexão obsessiva sobre Portugal - tema e problema básico para as duas gerações.

Talvez Álvaro de Campos, o *dandy* da sua geração, tenha herdado um perfil “fradiquesco”, no seu tédio, na fina ironia, nas viagens, na ânsia do novo. Porém, Álvaro de Campos será um *dandy manqué*, também de costela hebraica, que não consegue

manter a distância necessária entre ele e o mundo, apesar de ser oposicionista, exibicionista, que quer assombrar, romper. Em sua solidão, já não pode ser *dandy*, num mundo que não o merece. Amadurece, a dor e a raiva fazem-no perder completamente o *humour*. Não mandará cartas para mais ninguém, pois “estar só equivale a não ser nada”, como diz Camus. Em compensação sentirá “*tudo de todas as maneiras*”, sendo uma das máscaras múltiplas do seu criador. Tudo isso é fruto do tão lírico e português gosto pela mistificação, aprofundado pela “Geração de 70”, especialmente em Antero e em Eça e depois desenvolvido até as raias do absurdo por Fernando Pessoa.

(No centenário da morte de Eça de Queirós)

Referências

CARREIRO, J. B. *Antero de quental: subsídios para sua biografia*. Lisboa: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1948, p. 257.

JORGE, M. J. *Os tipos de eça de Queirós*. São Paulo: Livraria Brasil, [s/d].

LIMA, I. P. de. (Org. e Coord). *Antero de Quental e o destino de uma geração*. Porto: Edições Asa, 1994.

QUEIRÓS, E.de. *Obras de Eça de Queirós*. Porto: Lello e Irmão Editores, v.I e II, [s/d].

QUENTAL, A. de. *In Memoriam*. Lisboa: Editorial Presença, 1993.

REIS, C. *Fradique Mendes: origem e modernidade de um projeto heteronímico*. Caderno de Literatura. Coimbra: n.18, 1984.

SERRÃO, J. *O primeiro Fradique Mendes*. Lisboa: Livros Horizonte, 1985.